

ANO 7 - NÚMERO 88 - FEV 2022



Xapuri

SOCIOAMBIENTAL

R\$ 15

FAZ ESCURO, MAS EU CANTO, MESMO DESAFINADO?

p. 08

HOMENAGEM

Madrugada camponesa

p. 26

AMAZÔNIA

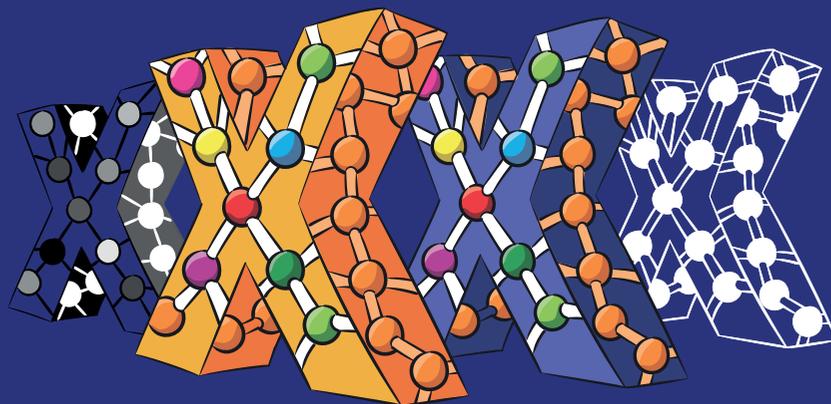
É o Amazonas, a pátria da água

p. 39

HOMENAGEM

Um concerto de despedida

p. 42



MOVIMENTO EM DEFESA DA CAIXA PÚBLICA,
DOS BANCÁRIOS E DO BRASIL.

Caixa Social
é Caixa Pública.
Social é ser
Pública



Os empregados e empregadas são a força motriz que protege a Caixa e permite que ela alcance todos os cantos do país. São mais de 84 mil pessoas, que seguem atuando para garantir a efetividade das políticas públicas de educação, saneamento, agricultura, moradia e sustentabilidade.

Mas, o banco público está sob ameaça de privatização e essa força precisa do apoio dos 211 milhões de brasileiros e brasileiras. Por isso, os bancários e bancárias da Caixa estão fazendo um chamamento público e pretendem envolver toda a sociedade para defender a Caixa pública e reforçar a importância do banco para todos e todas.

Junte-se ao movimento em defesa da Caixa!



MOVIMENTO EM DEFESA DA CAIXA PÚBLICA,
DOS BANCÁRIOS E DO BRASIL.

Caixa Social é Caixa Pública.
Social é ser Pública



Saiba mais

oelementox.org.br

“ **Faz escuro, mas eu canto,
porque a manhã vai chegar.** ”

Thiago de Mello

COLABORADORES/AS - FEVEREIRO

Alicia Lobato - Jornalista. Altair Sales Barbosa - Arqueólogo. Emir Bocchino - Designer Gráfico. Emir Sader - Jornalista. Helho (Hélio Bueno) - Ilustrador. Gilney Viana - Ambientalista. Iêda Leal de Souza - Professora. Iêda Vilas-Bôas - Escritora. Janaina Faustino - Gestora ambiental. José Ribamar Bessa Freire - Professor. Kleyton Moraes - Dirigente Sindical. Leonardo Boff - Ecoteólogo. Lúcia Resende - Professora. Mabel Velloso - Escritora. Maria Maia - Poeta. Nani (Ernani Diniz Lucas) - Humorista (*in memoriam*). Rodrigo Barradas - Jornalista. Rosilene Corrêa - Professora. Stânio de Sousa Vieira - Professor. Thiago de Mello - Poeta (*in memoriam*). Thiago de Mello - Músico. Zezé Weiss - Jornalista.

CONSELHO EDITORIAL

Jaime Sautchuk - Jornalista (*in memoriam*).

Zezé Weiss - Jornalista. Ailton Krenak - Escritor. Altair Sales Barbosa - Arqueólogo. Ana Paula Sabino - Jornalista. Andréa Luisa Teixeira - Professora. Andrea Matos - Sindicalista. Ângela Mendes - Ambientalista. Antenor Pinheiro - Jornalista. Binho Marques - Professor. Cleiton Silva - Sindicalista. Elson Martins - Jornalista. Emir Sader - Sociólogo. Gomercindo Rodrigues - Advogado. Graça Fleury - Socióloga. Hamilton Pereira da Silva (Pedro Tierra) - Poeta. Iêda Leal - Educadora. Iêda Vilas-Bôas - Escritora. Iolanda Rocha - Professora. Jacy Afonso - Sindicalista. Jair Pedro Ferreira - Sindicalista. José Ribamar Bessa Freire - Escritor. Júlia Feitoza Dias - Historiadora. Kleyton Moraes - Sindicalista. Kretã Kaingang - Líder Indígena. Lucélia Santos - Atriz. Lúcia Resende - Revisora. Maria Maia - Cineasta. Rosilene Corrêa Lima - Jornalista. Samuel Pinheiro Guimarães Neto - Diplomata. Trajano Jardim - Jornalista.



CONSELHO GESTOR

Agamenon Torres Viana - Sindicalista. Eduardo Pereira - Produtor Cultural. Janaina Faustino - Gestora Ambiental. Joseph Weiss - Economista.



Thiago de Mello, o grande poeta da Pátria da Água, escolheu este janeiro chuvoso para se despedir do espaço físico deste mundo. Bem do jeito dele, Thiago partiu de mansinho, encantou-se sereno para tornar-se, daqui pra frente, luzeiro da esperança das gerações presentes e futuras.

Com Thiago, aprendemos muito. Thiago nos ensinou a amar incondicionalmente a Amazônia, e lutar para preservá-la. De Thiago vieram o mantra do esperar: “faz escuro, mas eu canto, porque a manhã vai chegar”, e as centenas, senão milhares de poemas e textos em defesa do meio ambiente, dos direitos humanos e da democracia.

Nós da Xapuri recebemos de Thiago de Mello honra do prefácio de nosso primeiro livro, *Vozes da Floresta*, publicado em 2008, nos 20 anos do assassinato de Chico Mendes. O poema dele para o *Vozes*, “O sonho que cresce no chão da floresta”, é uma das mais belas homenagens feitas ao Chico em todos os tempos.

Nada mais justo, portanto, do que dedicar esta nossa edição deste fevereiro, também chuvoso, para celebrar Thiago de Mello. Da matéria de capa, escrita por seu compadre e amigo, Bessa Freire, ao texto de despedida de seu filho Thiago Thiago, aos poemas mais próximos do nosso coração, aí está, na Xapuri 88, os textos lindos do Thiago e as saudades imensas de todos e todas nós.

Em meio a este carinho nosso por Thiago, você vai encontrar as retrancas de sempre: Consciência Negra, Conjuntura, Ecologia, Gastronomia, Sustentabilidade, Universo Feminino e muito, muito mais.

Boa Leitura!



Zezé Weiss – Editora

Jaime Sautchuk – Editor (*in memoriam*)

EXPEDIENTE

Xapuri Socioambiental: Telefone: (61) 99967 7943. E-mail: contato@xapuri.info. Razão Social: Xapuri Socioambiental Comunicação e Projetos Ltda. CNPJ: 10.417.786\0001-09. Endereço: BR 020 KM 09 – Setor Village – Caixa Postal 59 – CEP: 73.814.-500 – Formosa, Goiás. Edição: Zezé Weiss, Jaime Sautchuk (61) 9 8135 6822. Revisão: Lúcia Resende. Produção: Zezé Weiss. Jornalista Responsável: Thais Maria Pires - 386/ GO. Marketing e Responsabilidade Social: Janaina Faustino (61) 9 9611 6826. Mídias Sociais: Eduardo Pereira. Tiragem: 5.000 exemplares. Circulação: Revista Impressa - Todos os estados da Federação. Revista Web: www.xapuri.info. Distribuição - Revista Impressa: Todos os estados da Federação. ISSN 2359-053x.





Mensagens pra Xapuri

contato@xapuri.info

Adoramos as camisetas do Lula!
Coraci Nascimento - Campinas - SP

Gostando demais do novo formato das lives da Xapuri. Parabéns!
Maria Martha - Formosa - GO

"Peregrinos do Alvorecer", belíssimo nome e belíssima matéria de capa da primeira Revista Xapuri de 2022. Parabéns, professor Altair, pelo excelente texto sobre o Cerrado.
Silmara Silva Campos - Palmas - TO



Revista Xapuri

Imagem do mês

@revistaxapuri

@andre.briso

Marque suas melhores fotos do
Instagram com a hashtag

#revistaxapuri

Sua foto pode aparecer AQUI!



Xapuri 88

SOCIOAMBIENTAL **FEV 22**

- 08 CAPA**
Faz escuro, mas eu canto, mesmo desafinado?
- 15 BIODIVERSIDADE**
Araçonga-do-Nordeste
- 18 CONSCIÊNCIA NEGRA**
Paulo Freire: a educação como processo de humanização no combate ao racismo
- 20 CONJUNTURA**
Resgatar o Estado para resgatar a democracia
- 22 ECOLOGIA**
Aedes, o monstro do lago
- 25 MITOS E LENDAS**
Rodeiro

Xapuri - Palavra herdada do extinto povo indígena Chapurys, que habitou as terras banhadas pelo Rio Acre, na região onde hoje se encontra o município acreano de Xapuri. Significa: "Rio antes", ou o que vem antes, o princípio das coisas.

Boas-Vindas!

- 26 HOMENAGEM**
Madrugada camponesa
- 28 GASTRONOMIA**
Caruru
Receita de dona Canô
- 29 HOMENAGEM**
Noigandresas
- 30 POLÍTICA**
PT 42 anos
- 32 MINERAÇÃO**
Mercúrio do garimpo contamina peixes dentro e fora da Amazônia
- 36 MEIO AMBIENTE**
Encanto e desencanto com o desenvolvimento sustentável
- 39 AMAZÔNIA**
É o Amazonas, a pátria da água
- 42 HOMENAGEM**
Um concerto de despedida
- 44 DIREITOS HUMANOS**
A carne mais barata
- 45 RESISTÊNCIA INDÍGENA**
Um dilema político
- 46 SUSTENTABILIDADE**
A compaixão radical
- 47 HOMENAGEM**
Thiago de Mello: poeta do esperar
- 48 UNIVERSO FEMININO**
Lia de Itamaracá: um presente para nossa brasilidade

FAZ ESCURO, MAS EU CANTO, MESMO DESAFINADO?

— José Ribamar Bessa Freire

Foto: Ricardo Oliveira

**- THIAGO? ONDE ESTÁS?
- ESTOU DO OUTRO LADO DO RIO!
MARILZA DE MELLO FOUCHER**

- Não podemos ir juntos - disse Thiago de Mello: - Vou na frente, você fica aqui, espera um pouco e depois me segue e quando chegar lá, fingimos que não nos conhecemos.

Ele atravessou a rua, eu fiquei.

Estávamos os dois num bar em Jaguarão, na fronteira. Era uma tardinha de outubro de 1969. Perseguidos pela polícia, fugíamos para o exílio, sem passaporte. Para entrar no Uruguai e no Chile, bastava a carteira de identidade. Ali, no hotel, não podíamos ser vistos juntos. Separados, se um fosse preso, o outro podia se escafeder.

Fiquei no bar fazendo hora. Depois, me dirigi ao hotel na rua das Portas. Lá, me pediram os documentos. Naquela época, a carteira de identidade não era unificada nacionalmente. Cada estado tinha a sua, a do Amazonas chamava a atenção por sua singularidade. Era um "livro", parecia um passaporte, só que com capa amarela.

Tratava-se, na verdade, de documento com toda a árvore genealógica e afetiva do cidadão: nomes de pai, mãe, avós e, se

duvidar, de minhas nove irmãs, irmãos, sobrinhos e até dos vizinhos lá do meu Beco. Exagero, evidentemente: não lembro se mencionava o bairro de Aparecida, que é tão fundamental pra minha identidade.

O recepcionista, separando as sílabas e exibindo seus dentes de ouro, escancarava diante dos hóspedes a identidade que queríamos esconder.

- *"Não a-cre-di-to !!! Durante 25 anos nesse hotel, nunca vi um amazonense. Agora, em menos de duas horas, vejo dois de uma só vez."*

O gaúcho achava que era mesmo uma coincidência ex-tra-or-di-ná-ria.

TETÊ

É. Deu azar. O hotel inteiro - aparentemente o único de Jaguarão - parou pra nos ver. Foi um escândalo. No meio da confusão, caminhando pelo corredor, surgiu o poeta, vestido como sempre de branco. O recepcionista, consultando sua ficha, me perguntou:



Foto: Altino Machado



Foto: Althino Machado

– “Você conhece Amadeu Thiago de Mello?”
Neguei. Lá fora, um galo cantou três vezes.
O gaúcho disse, então, que fazia questão de
fazer as apresentações.

Ficamos os dois, ali, diante de hóspedes
atônitos, apertando a mão um do outro,
com cara de égua, de devoto de Santa
Etelvina, de clandestinos amadores, unidos
por uma mesma identidade, evidenciando
que ninguém é amazonense impunemente.
O poeta, habilmente, deu a volta por cima,
disse que era um prazer conhecer alguém de
sua terra e me convidou para jantar com ele
no restaurante do hotel.

Dessa forma, pelo menos tínhamos um
motivo para rir de nós mesmos, além de um
álibi para planejar o que faríamos. No dia
seguinte, cruzamos, andando, a ponte sobre
o rio Jaguarão. Passei primeiro. O poeta,
logo depois. Sua mulher, Lurdinha, grávida

de Isabella, já nos esperava em Montevidéu,
de onde continuamos viagem para o Chile.

Já contei essa história, recupero-a agora
quando o poeta nos diz adeus. Não tenho
forças de cantar na escuridão de sua partida.
Basta as vezes em que cantarolamos juntos
sempre a mesma canção para celebrar seus
aniversários, o primeiro em 1968, numa
semiclandestinidade no Rio. A outra vez no
exílio em Santiago de Chile, em 1970.

Foi um *cumpleaños* supimpa, quando sua
filha Isabella, minha afilhada, com dois
meses de vida, foi apresentada aos amigos
chilenos. Cantamos então a canção de autor
anônimo, que lhe foi ensinada pelo poeta
Manuel Bandeira. Ela faz parte da tradição
oral e, que eu saiba, nunca foi gravada.
Nem o Google, metido a sabichão, registra
a sua existência.

Sua letra é simples:

- Passa pra cá Tetê, vamos acabar de amor. Eu não te dou meu coração, porque é preciso arrancar, e eu arrancando, Tetê, eu sei que vou morrer. E eu morrendo já não posso mais te amar.

ALZIRA

Nós voltamos a cantar a Tetê no aniversário de 80 anos, em um restaurante de Brasília, num coro com sua irmã Cecéu e Isabella, depois do jantar do qual participaram umas trinta pessoas. Foi após a homenagem da Câmara de Deputados a Thiago – iniciativa da parlamentar Vanessa Grazziotin (PCdoB-AM) – com exposição dentro do Congresso Nacional de painel gigantesco com o poema “Os Estatutos do Homem” traduzido em dezenas de línguas.

Tetê recebeu nova cantada em Porto Velho (RO), em 2009, documentada pelo jornalista Altino Machado, na 7ª edição do Festival de Cinema Ambiental da Amazônia (Fest Cineamazônia) organizado por Fernanda Kopanakis e Jurandir da Costa. Thiago e eu havíamos participado de uma mesa redonda de Solidariedade entre os Povos da América, contando histórias do exílio. Ali, na “hora do recreio”, apareceu toda faceira a danada da Tetê que nunca nos abandonou.

A última vez que cantamos a Tetê foi em novembro de 2018, na presença de Pollyana Furtado e do filho Thiago Thiago de Mello, tudo filmado para o projeto “Amazônia das Palavras”. Entramos no apartamento em Manaus. Antes de dar boa noite entoei lá da porta: – Passa pra cá, Tetê.

Thiago abriu um sorriso e continuou: – Vamos acabar de amooooor.



Foto: Acervo Bessa Freire/TaQuiprcti



Foto: Acervo Bessa Freire / TaQuitPraTi

Nem a deslembração e ciumenta Alzira foi capaz de fazê-lo esquecer a Tetê.

Eu temia que isso ocorresse, quando o poeta me telefonou um ano antes, falando em linguagem cifrada:

– Jura, o Japonês descobriu que a Alzira me pegou.

A voz embargada sugeria que a coisa era séria. Quando pedi detalhes, Thiago esclareceu as identidades daqueles dois personagens. Alzira era como ele chamava na intimidade a doença de Alzheimer que começava a dar os primeiros sinais. E Japonês era o neurologista Massanobu Takatani, seu médico, que a diagnosticou.

Minha reação foi uma sonora gargalhada

para esconder a tensão provocada pela notícia. Disse-lhe que não me importava de pegar a Alzira, se pudesse chegar aos 90 anos.

– Te telefonei só para ouvir essa risada – falou o poeta, aliviado.

CHABUCA

A música, não essa, mas outra, foi cantada em Lima, em 1974, desta vez por uma profissional. Na época, Thiago de Mello vivia exilado na Alemanha. De passagem pelo Peru, teve um piripaque no coração. Foi internado às pressas. Corri pra clínica. Lá, me deparei com um senhor de bigode de vassoura, era o poeta uruguaio Mário

Benedetti. Ali, na maca, ofegante, o poeta amazonense nos apresentou, no meio de uma confusão danada dentro da Clínica Italiana.

Enquanto se realizavam procedimentos de praxe para a internação, ficamos os três à espera do cardiologista. Apareceu, então, um médico e, ali mesmo, na portaria, colocou a aparelhagem de oxigênio no Thiago, que passou a respirar mais aliviado. Instantes depois, uma enfermeira alertou:

- "Doutor, foi um equívoco. Seu paciente não é esse, é o outro na sala ao lado. Esse daí é do doutor Fulano".

Acreditem, juro que é verdade: o esculápio - tinha cara de esculápio - tentou retirar os aparelhos. Benedetti e eu ameaçamos sentar a porrada nele. Seguramos as pontas, até o doutor Fulano chegar.

O quarto do Thiago dava direito a acompanhante. Nós dois nos revezávamos,

velando o amigo. A troca de turno era sempre um momento de conversa prazerosa. Numa madrugada, depois do show em uma *peña*, nada mais nada menos que a cantora Chabuca Granda deu o ar de sua graça, acompanhada de seus músicos. Quem tinha peito para barrá-la? O porteiro só faltou beijar os pés dela, deixando-a entrar.

Aí, em hora inapropriada, rompendo o silêncio obrigatório dentro do hospital, Chabuca fez serenata para Thiago. Derramou *'lisuras'* e, com sua voz rouca e sensual, deu uma *'canja'* para os doentes, cantando *Fina Estampa'*, naquela quase *'mañanita alegre, con luz de luna y de sol'*. No final, deu seu diagnóstico, olhando o amigo poeta, cujo coração estava sob cuidados médicos:

- *"Eso te pasa por tener un corazón muy grande"*.





FAZ ESCURO, MAS EU CANTO

Palácio Rio Negro, na sexta (14 de janeiro), o presidente do Conselho Municipal de Cultura, Tenório Telles, crítico literário, lembrou a importância de Thiago para a poesia brasileira e latino-americana e recitou vários poemas do escritor amazonense. Thiago Thiago de Mello cantou "Faz Escuro, mas eu canto" e outras músicas de autoria do seu pai. O enterro ocorreu no dia seguinte (15) no Cemitério São João Batista.

Agora, este meu canto desafinado celebra Thiago, que subiu o boulevard Amazonas e foi sepultado no sábado (15) no cemitério São João Batista. Ai, Tetê, "eu morrendo já não posso mais te amar". Como no poema de César

Vallejo, que ele traduziu, ao atravessar o rio Andirá, "su cadáver estaba lleno de mundo". Vou esperar mais um pouco, mas quando chegar lá, o galo não precisa cantar. O porteiro Pedro saberá que somos amigos.

P.S. – Num texto poético e generoso no grupo Taquiprati do Zapp, Isabella agradece minha amizade com seu pai. Embora tenha cuidado dela de "chiquitita", fazendo jus ao meu apelido, tenho dívida eterna com Thiago, de quem sempre recebi apoio, honrando nossas raízes indígenas de reciprocidade.

Obs: Versão impressa no Diário do Amazonas



José Ribamar Bessa Freire –
Cronista da Amazônia, em
www.taquiprati.com.br.
Conselheiro da Revista Xapuri.





Araponga-do-Nordeste

Helho e Nani

*Araponga ou Ferreiro
Seu canto é como ferro batido
Ferreiro que não fere com ferro
Mas pelo homem é ferido.*

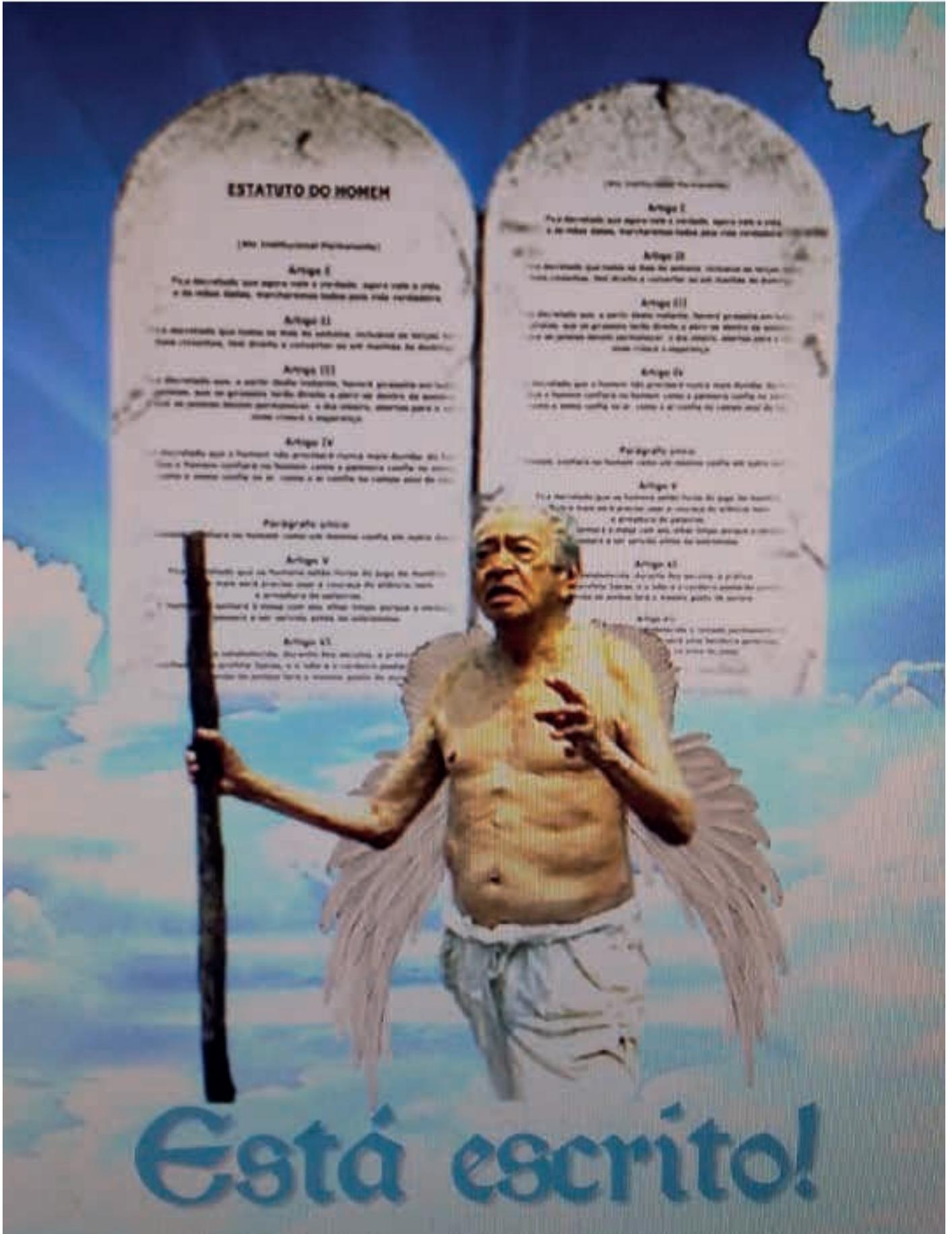
ARAPONGA-DO-NORDESTE: Seu nome científico é *Procnias averano*. Tem 27 cm de tamanho. Vive nas matas e alimenta-se de frutos, insetos e larvas. Sua característica marcante é o canto estridente que ela emite, como se alguém estivesse batendo numa bigorna. Ocorre no Maranhão, Piauí e na Bahia. É muito perseguida pela caça e sofre com a destruição do seu ambiente natural.



Helho (Hélio Bueno), ilustrador e escritor, em *Desextinção*, Fundação Rio-Zoo - Thex Editora, 1997.



Nani (Ernani Diniz Lucas), humorista e escritor, em *Desextinção*, Fundação Rio-Zoo - Thex Editora, 1997. Faleceu em 08/10/2021, vítima da Covid-19.



Reprodução: Tuta Bessa

THIAGO DE MELLO: POETA DA RESISTÊNCIA

Kleyton Morais

Thiago de Mello, o grande poeta da Resistência, partiu deste mundo em 14 de janeiro de 2022, aos 95 anos. Escreveu muito, lutou muito, sonhou muito, fez do verso arma do esperar. Dele e nosso. Como legado, nos deixou "Os Estatutos do Homem", escrito no Chile, no mês de abril do ano de chumbo de 1964, como sua expressão mais profunda de crença na humanidade. Nós, do Sindicato dos Bancários de Brasília, nos somamos à Revista Xapuri nas homenagens ao imortal Thiago de Mello.

OS ESTATUTOS DO HOMEM (Ato Institucional Permanente) Thiago de Mello

A Carlos Heitor Cony

Artigo I – Fica decretado que agora vale a verdade, que agora vale a vida, e que, de mãos dadas, marcharemos todos pela vida verdadeira.

Artigo II – Fica decretado que todos os dias da semana, inclusive as terças-feiras mais cinzentas, têm direito a converter-se em manhãs de domingo.

Artigo III – Fica decretado que, a partir deste instante, haverá girassóis em todas as janelas, que os girassóis terão direito a abrir-se dentro da sombra; e que as janelas devem permanecer, o dia inteiro, abertas para o verde onde cresce a esperança.

Artigo IV – Fica decretado que o homem não precisará nunca mais duvidar do homem, que o homem confiará no homem como a palmeira confia no vento, como o vento confia no ar, como o ar confia no campo azul do céu.

Parágrafo único – O homem confiará no homem como um menino confia em outro menino.

Artigo V – Fica decretado que os homens estão livres do jugo da mentira. Nunca mais será preciso usar a couraça do silêncio nem a armadura de palavras. O homem se sentará à mesa com seu olhar limpo porque a verdade passará a ser servida antes da sobremesa.

Artigo VI – Fica estabelecida, durante os séculos da vida, a prática sonhada pelo profeta Isaiás, e o lobo e o cordeiro pastarão juntos e a comida de ambos terá o mesmo gosto de aurora.

Artigo VII – Por decreto irrevogável fica estabelecido o reinado permanente da justiça e da claridade, e a alegria será uma bandeira generosa para sempre desfraldada da alma do povo.

Artigo VIII – Fica decretado que a maior dor sempre foi e será sempre não poder dar-se amor a quem se ama sabendo que é a água que dá a planta o milagre da flor.

Artigo XIX – Fica permitido que o pão de cada dia tenha no homem o sinal do seu suor. Mas que sobretudo tenha sempre o quente sabor da ternura.

Artigo X – Fica permitido a qualquer pessoa, a qualquer hora da vida, o uso do traje branco.

Artigo XI – Fica decretado por definição que o homem é o animal que ama e que por isso é belo, muito mais belo que a estrela da manhã.

Artigo XII – Decreta-se que nada será obrigado nem proibido. Tudo será permitido, inclusive brincar com os rinocerontes e caminhar pelas tardes com imensa begônia na lapela.

Parágrafo único – Só uma coisa fica proibida: amar sem amor.

Artigo XIII – Fica decretado que o dinheiro não poderá nunca mais comprar o sol das manhãs vindouras. Expulso do grande baú do medo, o dinheiro se transformará em uma espada fraternal para defender o direito de cantar e a festa do dia que chegou.

Artigo Final – Fica proibido o uso da palavra liberdade, a qual será suprimida dos dicionários e do pântano enganoso das bocas. A partir deste instante, a liberdade será algo vivo e transparente como um fogo ou um rio, e a sua morada será sempre o coração do homem.

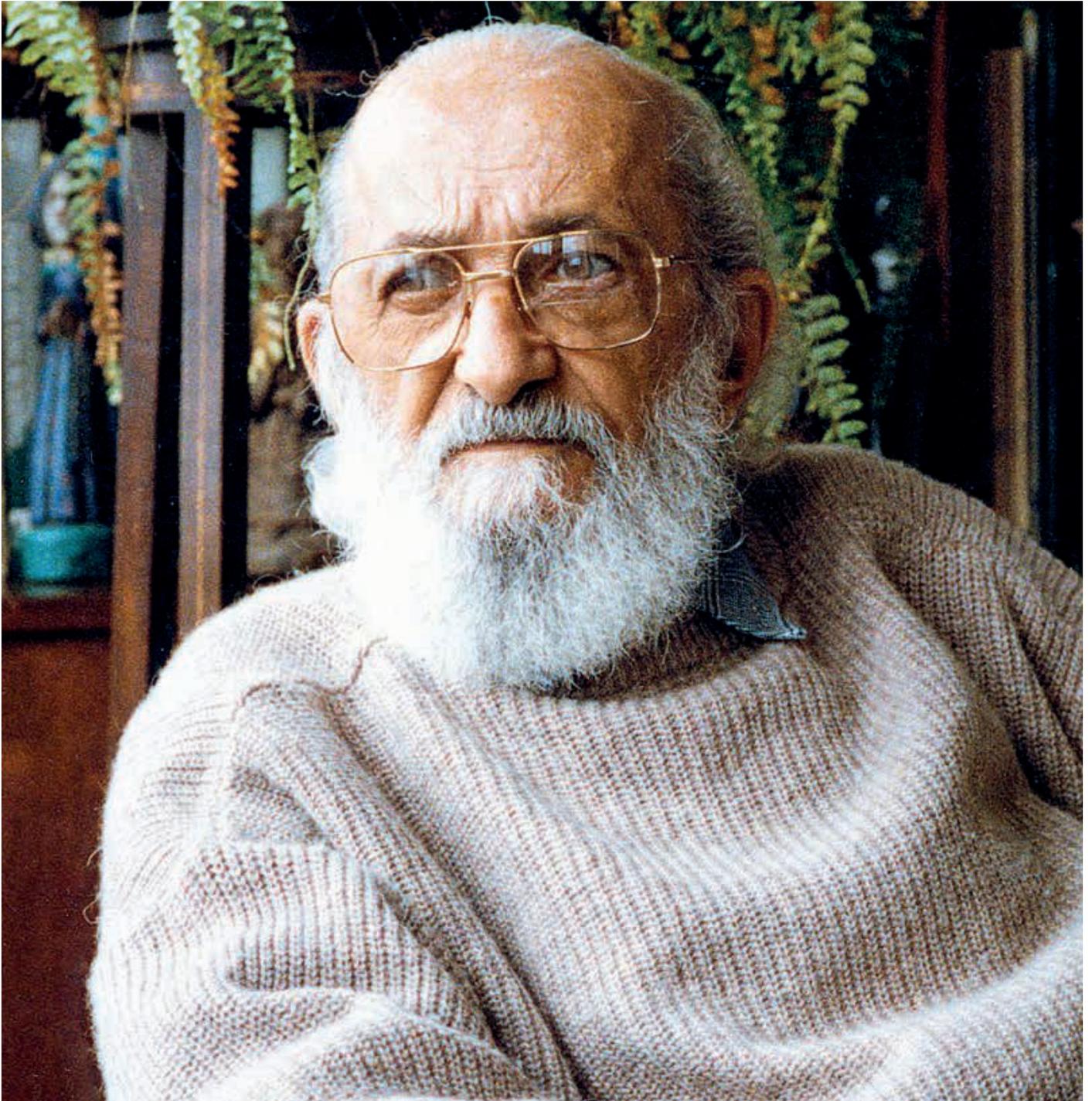


Kleyton Morais - Líder Sindical. Presidente do Sindicato dos Bancários de Brasília. Conselheiro da Revista Xapuri.



PAULO FREIRE: A EDUCAÇÃO COMO PROCESSO DE HUMANIZAÇÃO NO COMBATE AO RACISMO

Stênio de Sousa Vieira





Compreender o racismo numa perspectiva das ideias freirianas é algo fundamental para construir uma educação direcionada à emancipação daqueles que lutam contra a opressão. Como o foco é a questão racial, a intenção é demonstrar que o pensamento de Paulo Freire é uma grande irradiação no combate ao racismo.

É fato que Freire faz sua leitura a partir da perspectiva de classe, não debatendo de forma direta as questões sobre racismo. O pensamento dele é descrito na escola do pensamento marxista. No entanto, a extensa aproximação de Paulo Freire com as ideias de pensadores que condenam a opressão de classe, inclusive numa lógica racial, como Franz Fanon e Amílcar Cabral, proporciona uma interação para entender as ideias freirianas como fundamentais para uma educação antirracista.

A educação como liberdade e emancipação do oprimido contra a imposição do poder do opressor é uma construção ideológica de classe orquestrada de forma bem planejada por aqueles que possuem os meios de produção e objetivam a manutenção da ordem para a legitimação da opressão. No caso do racismo à brasileira, esse processo de opressão foi construído socialmente com sequências históricas baseadas em um processo de aparelhamento ideológico, em que a educação formal, assentada nos bancos escolares, tem sua face bem delineada.

Nesse sentido, na obra *Pedagogia do Oprimido*, o escritor e filósofo Paulo Freire aborda que a educação serve a pequenos grupos e acrescenta que isso seria uma forma calculista de opressão das massas, para torná-las manipuláveis e alienadas aos interesses dos opressores. Partindo desse ponto, ele lança uma nova perspectiva a essa prática pedagógica, utilizando-se da pedagogia libertadora, que pode levar os oprimidos à liberdade de expressão.

A intenção de Freire é fazer o oprimido socialmente sujeito de sua história, relacionando-se com o mundo, deixando de lado o papel de receptor e tornando-se um mediador do processo. Freire alerta, ainda, que a liberdade da opressão precisa ser coletiva. “Ninguém liberta ninguém, ninguém se liberta sozinho. Os homens se libertam em comunhão” (FREIRE, 1987, p.29).

Trazendo para a nossa análise do racismo à brasileira, essa relação opressor x oprimido tão bem salientada por Freire sintetiza bem o cenário do racismo, em particular, no Brasil. Compreendemos que o racismo é a negação do outro. E como se constrói? Podemos construir essa explicação pela via do pensamento de Freire quando ele aborda no primeiro capítulo, “Justificativa da *pedagogia do oprimido*”, da obra *Pedagogia do Oprimido*.

Em observação muito exuberante, ele socializa a construção da ideia de desumanização feita pelo dominador ao dominado, em que se constrói uma

deslegitimação ao oprimido para aceitar a sua situação de subalternidade mediante a aceitação dos valores do opressor. Assim, podemos analisar que o racismo é um sistema culturalmente construído e que se baseia na negação, tornando-se legítimo por meio de um processo de desumanização do oprimido.

Na análise de Freire, o papel do educador será de libertar o educando, fazendo com que ele seja um ser social comprometido com uma visão holística da sociedade. A educação bancária retratada por Freire como algo mecânico e depositário de ideias lineares não atenderia à educação, uma vez que não transformaria esse educando. Ora, o racismo, a discriminação, o preconceito são instrumentos, portanto, dessa educação bancária que aposta numa visão positivista e na manutenção do status para controlar a ordem e, assim, impor suas regras a partir da ótica do dominador.

Essas regras de dominação ao oprimido constituídas pelo opressor são detalhadas no sistema de opressão antidialógico, em que Paulo Freire descreve elementos utilizados para a realização da dominação. Podemos ressaltar dois pontos importantes pelos quais o opressor impõe suas regras: a cultura e a divisão das massas. Fazendo a relação com o racismo, essa compreensão de Freire explicando os caminhos de controle do opressor, recorrendo à dominação cultural e à desmobilização política por meio da divisão de massas, constitui a base da naturalização do racismo.

Desse modo, ao analisarmos a estruturação do racismo brasileiro numa abordagem crítica da obra *Pedagogia do Oprimido*, de Paulo Freire, sem dúvida, constatamos que a educação libertária é uma necessidade real, seguida de problematização para o processo da educação como consciência humana, na perspectiva da humanização, a fim de combater o racismo e suas consequências não civilizatórias.



Stênio de Sousa Vieira – Professor de Sociologia do Instituto Federal do Tocantins. Coordenador Estadual do Movimento Negro Unificado – Tocantins. Coordenador de Formação Política do Sindicato Nacional dos Servidores Federais da Educação Básica, Profissional e Tecnológica – Seção IFTO Tocantins.



Iêda Leal – Tesoureira do SINTEGO / Secretária de Combate ao Racismo da CNTE / Coordenadora Nacional do MNU / Coordenadora do Centro de Referência Negra Lélia Gonzalez / Secretária de Comunicação da CUT-Goias.



NOTA DA REDAÇÃO: Matéria enviada por Iêda Leal de Souza – Militante do Povo Negro – Dirigente da CUT, CNTE – Sintego. Coordenadora Nacional do MNU. Conselheira da Revista Xapuri.

RESGATAR O ESTADO PARA RESGATAR A DEMOCRACIA

Emir Sader



Foto: Ricardo Stuckert

O surgimento do neoliberalismo foi, ao mesmo tempo, o início da campanha frontal de crítica e desqualificação do Estado. Se concentraram no Estado as críticas sobre sua incompetência, seu burocratismo, por ser fonte de corrupção, por não ter dinamismo econômico, por gastar demasiados recursos nos gastos com o funcionalismo público, por descaracterizar a livre competição do mercado, por seu caráter autoritário.

Em suma, sem o Estado ou com um Estado mínimo, a sociedade funcionaria melhor, a economia seria mais dinâmica, os preços seriam menores, haveria mais democracia. Essa promessa neoliberal, na verdade, se traduz na centralidade do mercado, na retirada dos direitos da grande maioria da população, na mercantilização da sociedade, na imposição do reino do dinheiro, em que tudo tem preço, tudo é mercadoria, tudo se vende, tudo se compra.

No Fórum Social Mundial se uniram várias correntes antineoliberais, juntando concepções diferentes sobre o Estado. Visões como as de John Holloway, de que seria possível mudar o mundo sem tomar o poder, com as concepções de Toni Negri e de outros, naquele momento, inclusive Boaventura de Sousa Santos e outros intelectuais europeus.

Nessa visão, o Estado seria uma instituição conservadora, que se oporia à sociedade civil, reproduzindo a visão clássica do liberalismo. Se confundia numa posição aparentemente comum, posições liberais e setores que se pretendiam anti-neoliberais, na oposição comum ao Estado.

Quando surgiram os governos antineoliberais na América Latina, o Estado passou a ser um instrumento fundamental na luta de superação do neoliberalismo, demonstrando o papel fundamental do Estado para induzir a retomada do crescimento econômico, a implementação de políticas sociais e de políticas externas soberanas.

As visões contra o Estado de correntes no FSM tiveram que se reciclar – o caso de Boaventura de Sousa Santos, entre outros, redefinindo a posição em relação ao Estado – ou ficar isoladas do processo real de superação do neoliberalismo em países como a Venezuela, o Brasil, a Argentina, o Uruguai, a Bolívia e o Equador.

A posição em relação ao Estado continuou a ser decisiva na era neoliberal. A desqualificação do Estado foi, cada vez mais, sendo restrita às posições neoliberais. Os governos ou forças antineoliberais passaram a propor um processo de democratização do Estado, como condição de que ele possa ter uma função antineoliberal.

Na oposição do Estado mínimo, o Estado passa a assumir funções econômicas, sociais e políticas renovadas. Mas, apesar desse resgate do seu papel, não se consegue reverter a desqualificação das empresas estatais, por exemplo, mantendo-se um consenso favorável às privatizações de empresas públicas. É uma das disputas ideológicas mais importantes nos tempos atuais.

Há quem defenda uma “autonomia dos movimentos sociais”. Autonomia em relação a quê? Ao Estado? À política? Representaria uma posição corporativa, de refluxo dos movimentos sociais sobre si mesmos, sem se articular com força política, sem disputar a hegemonia no conjunto da sociedade.

Essa postura antiestatal impede que a força social, a força de massas acumulada na resistência ao neoliberalismo, permita a construção de alternativa política ao neoliberalismo.

A posição em relação ao Estado termina sendo decisiva para definir a cada força política na era neoliberal. A esquerda, sendo frontalmente antineoliberal, disputa a hegemonia política na sociedade, luta para dirigir o Estado e fazer dele um instrumento de superação do neoliberalismo.

Mas não pode se contentar com o Estado existente. É um aparato burocrático, que não é feito para transformar a sociedade, mas para mantê-la tal qual. Tem vínculos promíscuos com os grandes interesses privados, têm interesses corporativos fortes. Para fazer do Estado um instrumento de democratização da sociedade, a esquerda tem, antes de tudo, que democratizar o Estado, transformar suas estruturas internas, estabelecer vínculos estreitos com as forças sociais.

O orçamento participativo foi um exemplo de redefinição das relações do Estado com as forças sociais e políticas de forma concreta. Colocar nas mãos dessas forças as definições sobre o orçamento – quem deve pagar os impostos, o que fazer com esses recursos – é um princípio fundamental para a democratização do Estado e da sociedade, que a esquerda tem que retomar e desenvolver, a partir dela, outras políticas públicas.

O resgate do Estado é condição indispensável para o resgate da democracia.



Emir Sader - Sociólogo.
Membro do Conselho Editorial
da Revista Xapuri.



Foto: divulgação

Aedes, o monstro do lago

Altair Sales Barbosa

Diz um velho adágio popular: "quando o homem matou tamanduá, formiga tomou conta do lugar". Quase nada sabemos sobre o criador deste ditado, mas sem sombra de dúvidas este deveria se pautar por um grande senso de observação da natureza.

Essa pessoa tinha também pleno conhecimento de como a natureza funciona, sabia que ela não é boazinha, como muitos pensam. Cobra caro e se vinga com fúria, quando entra em estado de desequilíbrio.

Ainda paira na lembrança de muitos o último grande surto de febre amarela que atingiu a região Centro-Oeste do Brasil. Se vasculharmos as anotações iremos constatar que o fenômeno coincide com as obras para o fechamento da barragem do rio Corumbá.

As obras exigiram desmatamentos, que por sua vez desalojaram populações de animais, incluindo primatas, que são potenciais portadores do vírus da febre, obrigando-os a migrarem para áreas

habitadas por humanos. A retirada da cobertura vegetal natural acabou com vários *habitats* de insetos, incluindo os pertencentes ao gênero *Aedes* e vários de seus predadores naturais.

O ambiente até então lótico, de águas correntes, aos poucos vai se transformando num ambiente bêntico, com águas calmas, às vezes paradas, originando a formação de poças laterais, fruto da oscilação dos níveis do reservatório.

Os insetos hematófagos acompanharam a migração dos mamíferos. Esses insetos, além de ficarem livres de alguns predadores, ainda foram brindados com ambientes propícios para seu desenvolvimento. Os resultados, todos sabem.

No início de 2010, a cidade de Goiânia e regiões adjacentes experimentaram um momento crítico de epidemia de "dengue". O elevado índice da doença coincide com as obras preparatórias e com o fechamento da represa do ribeirão João Leite. As obras preparatórias incluíram retirada da vegetação, muitas espécies nativas, algumas exóticas, e limpeza do terreno a ser ocupado pelo reservatório. Esses serviços desalojaram aracnídeos e suas eficazes armadilhas, desalojaram insetos, incluindo os representantes do gênero *Aedes* e tantos outros grupos de animais, abrangendo colônias inteiras de primatas, cuja população é significativa na microbacia do ribeirão João Leite.

A oferta de empregos originou oportunidades de absorção, desde mão de obra não especializada até serviços mais sofisticados, criando um fluxo migratório de humanos, que deixaram seus ambientes urbanos para trabalharem nas obras da represa. Nessas idas e vindas, muitos foram picados por vetores contaminados da dengue, vetores estes desalojados de seus habitats e sem a ameaça de predadores naturais.

O resultado dessa situação espelhou-se nos espaços ocupados dos centros de saúde, que revelaram índices preocupantes de pessoas infectadas pelo vírus da dengue.

O problema se torna ainda mais alarmante porque a cidade de Goiânia, pela sua posição geográfica e econômica, sempre foi uma fronteira cultural, um centro receptor e dispersor em larga escala de inúmeros fatores, incluindo os patogênicos.

As campanhas até então utilizadas para combater tais situações, além da ineficácia, tornam-se repetitivas, enjoativas e beiram os limites do ridículo, porque não esclarecem as verdadeiras causas do problema, tampouco vislumbram a possibilidade de soluções.

Alertamos que soluções para um problema que tende a se agravar a cada ano devem levar em consideração dois pontos básicos:

- políticas públicas bem planejadas e sedimentadas no conhecimento;
- pesquisa científica para produzir conhecimento capaz de embasar tais planejamentos.

Nesse sentido, torna-se necessário esclarecer que ações individualizadas, de evitar água parada em recipientes caseiros, são importantes e não devem ser abandonadas, mas representam muito pouco diante da avalanche avassaladora de causas maiores.

Desde 1906, quando se determinou a origem da transmissão do vírus da "dengue" pelo mosquito pertencente ao gênero *Aedes* e espécie *aegypti*, sabemos hoje que pelo menos seis outras espécies de mosquitos do gênero *Aedes*, existentes na África, Ásia e Américas, estão relacionadas com a transmissão do vírus. Ainda não temos conhecimento suficiente para afirmar se estas seis espécies sempre existiram, ou se seriam mutações ocorridas na espécie *Aedes aegypti*. O certo é que esses animais constituem espécies concretas e definidas taxonomicamente, cosmopolitas e certamente com comportamentos individualizados, diferenciados. Portanto, torna-se necessário o estudo de seus hábitos etológicos, para a elaboração de planos eficazes de combate.

Associadas aos estudos de Etologia, tornam-se necessárias pesquisas minuciosas sobre os efeitos e consequências de inseticidas químicos e estudos detalhados sobre predadores e patógenos dos potenciais vetores.

Desde o aparecimento do DDT, lá pelos idos da década de 1940, os componentes químicos vêm, de forma crescente, sendo utilizados no combate a insetos transmissores de doenças e a animais nocivos a determinado tipo de agricultura.

No início houve uma grande euforia, pois se acreditava que a utilização isolada desses componentes químicos seria suficiente para solucionar os problemas. Com o passar de apenas duas décadas, verificou-se que o uso indiscriminado de inseticidas químicos provocava desequilíbrios, eliminando os vetores, mas também seus inimigos naturais. E tem mais, nesse processo, não foram levados em conta princípios básicos de evolução, tais como a adaptação e a mutação. Logo, foi possível perceber que os insetos vetores desenvolveram capacidades de resistência a vários compostos, contribuindo para a diminuição da eficácia destes.

Torna-se, portanto, cada vez mais urgente incentivar a pesquisa sobre predadores e patógenos, para controlar o crescimento desordenado de vetores epidemiológicos. Caso específico dos mosquitos do gênero *Aedes*.

Há vários relatos sobre a utilização pelo homem de predadores naturais, para controle de crescimento populacional de agentes nocivos. Alguns desses relatos remontam a pelo menos três mil anos antes do presente. Um dos exemplos mais clássicos vem da China. Os antigos chineses construíam pontes de bambu entre uma árvore e outra, unindo-as para facilitar o trânsito de formigas predadoras de lagartas, estas últimas nocivas às plantas, largamente utilizadas por aquelas populações.

A pesquisa sobre o uso de patógenos para controle de vetores reveste-se também de grande importância. Os patógenos são elementos que podem se apropriar de mosquitos vetores, levando-os à morte por simbiose, ou transmitindo doenças que podem levá-los também a óbito. Os patógenos podem variar desde bactérias cristalíferas até nematoides.

Alguns pesquisadores abnegados, espalhados por diversos cantos do planeta, estão pesquisando a eficácia de predadores e patógenos no controle do aumento populacional do mosquito *Aedes*. No Brasil existem algumas iniciativas na Unicamp e em Viçosa. Essas pesquisas já trouxeram como consequência a sugestão para implantação pelo Ministério da Saúde de "Programas de Manejo Integrado".

O conhecimento bioecológico surgido dessas iniciativas demonstra que há muitos predadores do mosquito *Aedes*, tanto na fase larval como adulta, representados por animais de vários grupos zoológicos, como os Celenterados, onde se destacam as medusas. A maior parte desses animais ocorre em ambiente marinho, mas há também espécies de água doce, por exemplo, os Anelídeos, animais cujo corpo é formado por anéis, destacando-se neste grupo minhocas e sanguessugas, eficazes predadores do mosquito. Há entre os insetos também vários predadores, os mais comuns são libélulas, besouros e formigas. Os Aracnídeos representados por várias espécies de aranhas se situam também como eficazes predadores, instalando milhares de teias, que servem como armadilhas mortais para o mosquito adulto. Entre os Crustáceos de água doce, os micro camarões, têm sido predadores eficientes na fase de larva e de pupa. A lista é aumentada por várias espécies de moluscos, peixes, anfíbios e répteis, entre estes, as pequenas lagartixas. No grupo de predadores de maior porte se situam algumas aves, que são eficazes no combate de insetos na fase adulta, porque compartilha com estes os mesmos tipos de ambientes.

Por falar em aves, é sempre bom lembrar que a cidade de Goiânia já foi considerada a capital dos pardais. Hoje, a população dessas aves se encontra muito reduzida em relação ao que era antes.

Portanto, toda obra, seja grandiosa ou não, exige, cada vez de forma mais urgente, a necessidade de se observar e atentar para as possíveis situações de desequilíbrio que possam ser desencadeadas, levando à extinção, em nível local, determinadas espécies ou favorecendo a explosão demográfica de outras, só para citar um exemplo.

Essas situações somente podem ser evitadas através de relatórios técnicos altamente qualificados e fundamentados no conhecimento holístico de pesquisadores que devem ser requisitados para tal.

As empresas de consultoria, contratadas para tal finalidade, muitas vezes não preenchem as expectativas nas dimensões que são exigidas.

Por fim, uma palavra ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico - CNPq, a Fundação de Amparo a Pesquisa do Estado de Goiás - Fapeg - e as nossas Universidades.

Atualmente é comum estabelecer uma grande confusão de visões sobre doutores e pesquisadores. Todos sabem que, para a obtenção do título de doutor, é necessário cursar e ser aprovado num conjunto de disciplinas. E, no final, apresentar uma tese, na maioria das vezes nunca refutada, diga-se de passagem, perante uma banca examinadora. Geralmente esse processo tem prazo. Se tudo der certo, ao fim de no máximo quatro anos uma pessoa recebe o título de doutor, na área que escolheu, ou pior ainda naquela área de conhecimento oferecida pela Instituição. Portanto, o curso de doutorado é uma questão de legalidade.

Já o pesquisador é diferente, seus pré-requisitos são vocação e sacerdócio. O verdadeiro pesquisador se embrenha na busca e na produção de conhecimentos. Não se prende a horários reguladores e fazem da sua missão um verdadeiro sacerdócio de dedicação, honestidade e desprendimento. Portanto, doutor não é sinônimo de pesquisador. Isto não invalida que doutores possam ser pesquisadores e vice-versa, desde que tenham os requisitos que caracterizam os verdadeiros pesquisadores.

Essa confusão, que privilegia a quantidade dos títulos, tem prejudicado em muito o desenvolvimento das verdadeiras pesquisas nas Universidades. Estas, por sua vez, preferem andar por caminhos ombrófilos sem uma candeia para os iluminar. Deixam a luz debaixo da mesa e, muitas vezes, sem rumo, esquecem por alguns momentos as funções primordiais que motivaram as suas criações, que são: produzir e buscar o conhecimento, tarefa que só é possível através da pesquisa científica.

Se as universidades não encontrarem o seu norte verdadeiro e se os organismos de fomento continuarem distorcidos pelo emaranhado da burocracia, os problemas que demandam respostas imediatas ficarão sem estas.

São sete estrelas,
Sete sábios,
Sete perguntas.
Quais as respostas?

Nota do autor: este texto foi publicado em julho de 2010. Entretanto, a situação segue praticamente a mesma ou até mais grave, daí a necessidade de republicação, como meio de alerta.



Altair Sales Barbosa - Doutor em Antropologia / Arqueologia. Sócio Titular do Instituto Histórico e Geográfico do Estado de Goiás. Pesquisador Convidado da UniEvangélica de Anápolis. Conselheiro-fundador da Revista Xapuri.



Rodeirão

Diz a lenda que uma super arraia, enorme e arredondada, habita o leito do Rio Araguaia, na região central do Brasil.

Contam as comunidades locais que essa arraia é da paz e adora ficar tranquila no seu rio amado.

Porém, se for perturbada, Rodeiro arrasta linhas e redes, vira barcos e, se ficar muito brava, pode até afogar banhistas.

Fonte: História oral das populações ribeirinhas do Rio Araguaia.

MADRUGADA CAMPONESA

Thiago de Mello

Madrugada camponesa,
faz escuro ainda no chão,
mas é preciso plantar.
A noite já foi mais noite,
a manhã já vai chegar.

Não vale mais a canção
feita de medo e arremedo
para enganar solidão.
Agora vale a verdade
cantada simples e sempre,
agora vale a alegria
que se constrói dia a dia
feita de canto e de pão.

Breve há de ser (sinto no ar)
tempo de trigo maduro.
Vai ser tempo de ceifar.
Já se levantam prodígios,
chuva azul no milharal,
estala em flor o feijão,
um leite novo minando
no meu longe seringal.

Já é quase tempo de amor.
Colho um sol que arde no chão,
lavro a luz dentro da cana,
minha alma no seu pendão.
Madrugada camponesa.
Faz escuro (já nem tanto),
vale a pena trabalhar.
Faz escuro, mas eu canto,
porque a manhã vai chegar.

Querido Thiago: Você segue conosco, no porvir dessa alvissareira manhã que, por certo, está quase por chegar. De todos e todas nós aqui na Revista Xapuri, aquele abraço!







CARURU

RECEITA DE DONA CANÔ

Receita de Dona Canô

INGREDIENTES

- 100** quiabos cortados
- 1,1 KG** de camarão seco moído
- 1** xícara de amendoim torrado e moído
- 1** xícara de azeite de dendê
- 3** cebolas batidas no liquidificador
- 1** pedaço de gengibre ralado
- Sal

PREPARO

Jogar os quiabos cortados numa panela com água fervente. Deixar os quiabos cozinharem até os caroços ficarem cor-de-rosa. Colocar os temperos e deixar cozinhar bem até ficar com “cara de velho”.

CARURU DE FOLHA

O caruru de folha é igual ao caruru só de quiabo. Para ficar mais gostoso, juntar folhas de língua-de-vaca, de taioba, ou espinafre, aferventadas, escorridas e bem coradinhas ou batidas no liquidificador com um pouco de leite de coco, como se faz com o efó. Camarão seco moído, cebolas batidas no liquidificador, azeite de dendê, castanhas e amendoim torrados e moídos, misturados aos quiabos e às folhas já bem cozidas dão o toque final.



Dona Canô – Receita registrada no livro *O Sal é um Dom - Receitas de Dona Canô*, de Mabel Velloso. Editora Casa da Palavra, 2ª edição, 2008.



NOIGANDRESAS

— Maria Maia

Para Thiago de Mello, poeta amazônico e universal.

poeta, de onde vem tua poesia?
ela sempre brilha e entonetece e
encanta
mesmo quando, sólida, se
desmancha
e quase liquefeita no meu canto vibra

tua flauta de Orfeu já me convida
– Eurídice que estou no Hades tão
perdida –
a desatruvessar o labirinto, ávida
por encontrar a pura via da poesia

é cedo, amigo, ainda é pleno dia
“vejo vermelhos, verdes, blaus,
brancos, cobaltos”
mesmo aqui, da insuportável estatura
do planalto
do oco do Brasil q me sufoca e exalta

– ser da Grande Planície, como tu
gerado –
a contar as malfeituuras desta malta
que vomita fel no meio do Cerrado
espalhando malvadeza em todo canto
traz teu canto que desfaz tristezas
e dos recantos mais profundos das
funduras amazônicas
traz o alho, a alfavaca, e a ova fresca
da curimatã

já está posta a mesa que amanhã te
espera
com o verde que cheira a
noigandresas



Maria Maia – Poeta. Conselheira da Revista Xapuri.



PT 42 ANOS

Pedro Tierra

“Nascemos num campo de futebol. Haverá berço melhor para dar à luz uma estrela? (...)

Somos a perigosa memória das lutas. Projetamos a perigosa imagem do sonho.(...)

A Revolução que acalentamos na juventude faltou.

A vida não. A vida não falta.

E não há nada mais revolucionário que a vida.”



Pedro Tierra -
Poeta. Conselheiro
da Revista Xapuri.

MERCÚRIO DO GARIMPO CONTAMINA PEIXES DENTRO E FORA DA AMAZÔNIA

Alicia Lobato



Foto: Paulo Bastin/Fiocruz

Uma tecnologia barata, mas com um custo socioambiental altíssimo. Essa é a definição do uso do mercúrio na mineração do Brasil. Para os garimpeiros, é a forma mais rápida para separar o ouro do cascalho. Para a sociedade, representa uma série de danos que geram efeitos em cascata. “Não é justo que em nome da economia de uma atividade que não é sustentável, a gente coloque em risco não só o meio ambiente, mas toda a sociedade amazônica e brasileira”, resume o biólogo e doutor em ecologia Jansen Zuanon, também pesquisador do Instituto Nacional de Pesquisas da Amazônia (Inpa).

O mercúrio, que serve de ímã para grudar os pedaços menores de ouro, tornando-os mais visíveis e fáceis de serem separados, ainda é usado em larga escala pelos garimpeiros ilegais. Essa atividade causa impacto em todo o ecossistema e na cadeia biológica do entorno:

contamina as águas e degrada as condições de saúde de comunidades ribeirinhas, de cidades próximas, e se estende para além da região. Ao ver as cerca de 300 balsas alinhadas no rio Madeira, no município de Autazes (AM), pode-se imaginar o potencial do dano por causa da atividade. As imagens varreram o mundo.

As dragas funcionam da seguinte forma: as mangueiras são jogadas no fundo do rio e, por meio de bombas, a água é sugada, passando por uma esteira. É nessa etapa que o mercúrio é usado, separando o ouro das pedras e da lama. A água contaminada é devolvida ao rio novamente. A inalação do produto já é um risco, podendo causar danos nos pulmões. Mas quando despejado num curso d'água, onde encontra um ambiente sem oxigênio, ele se transforma no metilmercúrio, substância muito perigosa para o organismo humano.

Os peixes carnívoros têm a maior probabilidade de serem os que vão acumular mais metilmercúrio no organismo, pois se alimentam de outros peixes pequenos que podem estar contaminados, como é o caso da piracatinga. Muitos pescadores utilizam a carne do boto ou do jacaré como iscas para capturar essa espécie de peixe que, por serem animais grandes, podem ter uma elevada contaminação de metilmercúrio. Mesmo não sendo tão consumidos na região, há um mercado em potencial para a piracatinga, principalmente, fora do país.

“Nós exportamos eles, legal ou ilegalmente, para outros países, mandando peixes contaminados com mercúrio para lá. É um caso de saúde pública, além de um caso de problema ambiental”, diz Zuanon, que é estudioso da ictiologia (ramo da zoologia que estuda os peixes).

A piracatinga é um peixe de couro que tem pouco consumo na Amazônia, mas encontra amplo mercado em outras partes do Brasil e em países como a Colômbia. No mercado de outras regiões, ele é conhecido como ‘douradinha’.

Nas pessoas, a contaminação pode causar desde dificuldades motoras, a problemas de visão e alterar outros sentidos, além de afetar o campo neurológico, comprometendo a memória. Algumas das pesquisas realizadas pela FioCruz, como reportou o site Infoamazonia, mostram que em crianças esses casos tornam-se mais graves. Em um estudo na Terra Indígena Sawré Muybu, no oeste do Pará, foram constatados sérios atrasos motores e anemia grave no povo Munduruku.

Em novembro de 2020, a FioCruz e a organização WWF-Brasil realizaram um estudo que mostrou que 100% dos indígenas Munduruku haviam sido contaminados por mercúrio do garimpo. No dia 1º deste mês, o MapBiomias divulgou uma nota técnica sobre o garimpo no rio Madeira, mostrando que a área de garimpos terrestres na bacia do rio Madeira saltou de 3.753 hectares em 2007 para 9.660 hectares em 2020, um recorde histórico dos dados coletados há 36 anos.

Na mesma nota técnica, o MapBiomias mostra que é totalmente possível monitorar, combater e eliminar a atividade realizada pelas balsas, já que imagens do satélite Cbers-4A, desenvolvido pelo Inpe, consegue localizar e rastrear essas embarcações. A iniciativa levantou imagens de satélite do dia 25 de outubro, portanto um mês antes do registro pela imprensa das mais de 300 balsas no rio Madeira. Na ocasião, já era possível observar 151 balsas de garimpeiros, em cinco aglomerações.

“O que assusta não é a técnica, mas a escala, a forma ‘consorciada’ de operar e a ‘convicção’ da impunidade frente à ilegalidade”, escreveram os pesquisadores liderados por Cesar Diniz, coordenador-técnico do Mapeamento da Mineração e da Zona Costeira do MapBiomias.

Segundo Jansen Zuanon, apesar de pesquisas que analisam os efeitos do mercúrio do garimpo nos peixes ainda serem raras, é possível afirmar por meio de estudos experimentais quais seriam essas reações. “Diminui a capacidade reprodutiva, causa alterações neurológicas que afetam o comportamento dos peixes

que podem fazer com que algumas espécies não consigam fugir dos predadores ou tenham uma taxa de mortalidade maior do que a normal”, disse.

A grande quantidade de balsas concentradas e as dragas acabam por “jogar aqueles montes de lamas e seixos que vão formando pequenas montanhas que chamam de ‘arrotos de draga’”. Isso descaracteriza o fundo do rio e afeta negativamente tanto os peixes quanto outros seres aquáticos, e esse é o tipo de efeito mais permanente”, alerta Zuanon.

Antes mesmo de uma operação da Polícia Federal, que resultou na destruição de algumas dezenas de balsas, a maioria já havia se dispersado pelo rio Madeira. É comum que as balsas fiquem se locomovendo para outras áreas do rio.

Apesar de ser um risco que pode afetar todos que se alimentam de peixes, quem está mais próximo das áreas de garimpo são os que sofrem mais. “Os garimpeiros manuseiam o mercúrio manualmente, que entra em contato com a pele a partir do ponto onde é feita a queima. Esse vapor pode ser respirado por quem está fazendo a queima. A outra forma é pelo consumo, o organismo vai acumulando o mercúrio, principalmente peixes e outros animais que comem peixe, aí que entra um impacto muito maior”, diz o biólogo e também pesquisador do Inpa, Eloy Guillermo.

Muitos casos de contaminação por mercúrio do garimpo podem estar sendo subnotificados em postos de saúde, por falta de profissionais habilitados, como toxicologistas, para realizar essa identificação. Além disso, os sintomas da contaminação podem aparecer a curto ou a longo prazo, já que ao entrar no organismo ele se acumula no tecido, nos músculos ou nos ossos.

O geógrafo e mestre em ecologia Carlos Durigan acrescenta que a contaminação pode chegar ao sistema nervoso, ao fígado, à tireoide, que normalmente são associados a um outro problema existente. “Uma contaminação crônica que vai afetando a saúde, até hoje a ciência não sabe ao certo todos os efeitos, os estudos de contaminação são relativamente recentes”, afirma.

Para os especialistas ouvidos pela Amazônia Real, o garimpo não prejudica apenas o meio ambiente; é um trabalho que não segue nenhuma regulamentação, e que precisa ser interrompido imediatamente, como afirma Carlos Durigan. “É uma atividade que tem que ser banida.

Para explorar o ouro na Amazônia, temos que recomeçar do zero, construir uma nova agenda e discutir com especialistas para promover alguns estudos para ver se é viável, possível”, afirma, alertando que atualmente ainda não existe nenhum modelo de exploração de ouro na Amazônia de forma sustentável.



Alicia Lobato - Jornalista. Natural de Belém (PA) e vive em Manaus desde 2017. Desde 2019, integra a equipe da agência Amazônia Real www.amazoniareal.com.br onde esta matéria foi publicada originalmente. Na agência, escreve reportagens que pautam a violência contra a mulher e o racismo. (alicia@amazoniareal.com.br).

Foto: divulgação



PAÍS PRECISA REAGIR PARA DETER NOVA ONDA DE MORTICÍNIO PELA PANDEMIA E OS CRIMES DE BOLSONARO

Cleiton dos Santos

O Brasil voltou, na primeira semana de fevereiro, a atingir o tétrico patamar de mais de mil mortos por dia vítimas da Covid-19. Nos aproximamos da marca de 650 mil vidas perdidas por uma pandemia cujo número de vítimas poderia ter sido consistentemente reduzido não fosse a execução de uma política negacionista e criminoso por parte do governo federal, que tentou impedir até a vacinação de crianças.

A maioria dos mortos nos últimos três meses, período em que a variante ômicron, altamente contagiosa, começou a se espalhar pelo mundo, é formada por não vacinados e pessoas que não completaram o ciclo de imunização, como mostram vários estudos em vários países, entre eles um realizado pelo Hospital Emílio Ribas, de São Paulo, onde 100% dos leitos destinados às vítimas do coronavírus estão ocupados.

De cada cinco pessoas internadas com Covid-19 no hospital paulista, um dos principais especialistas em infectologia, quatro não tomaram vacina ou estão com doses atrasadas. Desde novembro último, 85% dos pacientes que ali morreram não tinham vacinação completa.

Pesquisa do Centros de Controle e Prevenção de Doenças dos EUA, já havia mostrado que as pessoas não vacinadas contra a Covid-19 têm 97 vezes mais chances de morrer por complicações causadas pela doença do que as pessoas que são vacinadas e recebem doses de reforço, como mostrou a CNN Brasil. A pandemia não acabou e para impedir que prossiga na devastação, é imprescindível que todos façam sua parte. É preciso que toda a população se vacine e continue adotando medidas sanitárias para dificultar a proliferação do vírus, como usar máscaras e álcool e evitar aglomerações.

É imprescindível que os trabalhadores e a sociedade continuem pressionando o governo a agilizar a vacinação e abandone seu negacionismo genocida.

Os bancários estão fazendo sua parte. Mas encontram resistência por parte dos bancos, o setor mais lucrativo do país, em adotar os protocolos

de segurança sanitária para garantir a saúde e a vida dos clientes e dos trabalhadores do setor.

Apesar dos números de casos de Covid crescentes exponencialmente no Brasil, em reunião realizada dia 18 de janeiro com o Comando Nacional dos Bancários, os bancos continuaram negando as reivindicações para combater a pandemia com o uso de máscara e com a máscara adequada (PFF2 ou N95), com a distribuição de álcool gel, com o distanciamento e o controle de acesso nas agências, evitando aglomerações. É uma postura intransigente e retrógrada, que joga por terra os avanços alcançados no início da pandemia.

Além de assumir a responsabilidade para evitar o maior número de contaminação, fazendo a sua parte, os bancários estão se mobilizando para fazer um grande enfrentamento e dar um basta a essa postura dos bancos. A defesa da vida será um dos temas da Conferência Nacional da Classe Trabalhadora (Conclat 2022) que as centrais sindicais convocaram para o dia 7 de abril.

O encontro visa contribuir para superar o caos instalado no país por um governo que aprofundou o desemprego e a pobreza, aumentou a carestia e a fome, deixando milhões no desalento e abandono, confrontou a ciência e a saúde na pandemia, sabotou vacinas e o SUS.

Mais do que nunca, o Brasil precisa de uma pauta da classe trabalhadora que exija o compromisso de mudanças no rumo do desenvolvimento brasileiro, com ênfase nas questões do trabalho, na proteção da vida e no fortalecimento da democracia.



Cleiton dos Santos - Presidente da Federação dos Bancários do Centro-Norte (Fetec-CUT/CN), Conselheiro da Revista Xapuri.



ENCANTO E DESENCANTO COM O DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL

— Gilney Vicina



Foto: divulgação



O conceito de desenvolvimento sustentável encantou muita gente com sua mensagem otimista de compatibilizar crescimento econômico e proteção ambiental de tal forma que poderia “atender as necessidades do presente sem comprometer a possibilidade de as gerações futuras atenderem as suas próprias necessidades” (Relatório Brundlandt, 1987), contrapondo-se à mensagem pessimista de que o crescimento econômico continuado ultrapassaria a capacidade de suporte dos ecossistemas naturais, gerando uma crise ecológica que levaria a uma catástrofe humanitária, elaborada por ambientalistas e acadêmicos nos anos 1960 e apregoada por milhares de militantes do Fórum Popular às portas da Conferência da ONU sobre Desenvolvimento Humano de Estocolmo, em 1972.

O conceito foi repaginado pela Conferência da ONU para o Ambiente e Desenvolvimento do Rio de Janeiro (Rio, 1992) em três dimensões: ecológica, social e econômica, e reprogramado como uma estratégia de desenvolvimento em que a dimensão ecológica foi expressa em compromissos institucionais das convenções (Clima, Biodiversidade, Desertificação); a dimensão social inicialmente reduzida à superação da pobreza extrema e depois alargada, mas não tanto, com os Objetivos do Milênio (ODM) e um pouco mais com os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS), com metas para 2030 mais voltadas para os países em desenvolvimento, aos quais se prometia investimentos dos países desenvolvidos e propunha a abertura dos seus mercados.

A sociedade civil organizada se fez representar no Fórum Global, e os povos originários pela Conferência Mundial dos Povos Indígenas levaram suas posições, geralmente críticas, das quais nos permitimos citar a Carta da Terra, elaborada por cientistas, religiosos e filósofos, em linha abertamente contrária à adotada pela conferência. A Carta define a Terra como “comunidade de vida”, passando por “um momento crítico”, [porque] “os padrões dominantes de produção e consumo estão causando devastação ambiental, esgotamento dos recursos e uma massiva extinção das espécies”. E radicaliza a conclusão: “A escolha é nossa: formar uma aliança global para cuidar da Terra e uns dos outros ou arriscar a nossa destruição e a da diversidade de vida”.

Não obstante as críticas, o desenvolvimento sustentável foi assumido pela ONU e suas agências, pelas organizações multilaterais como o Fundo Monetário Internacional (FMI) e o Banco Mundial e, sucessivamente, por governos nacionais, bancos, empresas, universidades, partidos políticos e outras instituições.

Uma hegemonia tão ampla e tão duradoura só foi possível porque, em 1992, já se tinha quebrado a

bipolaridade de poder estabelecida pelos vitoriosos da segunda guerra mundial: os Estados Unidos, liderando o bloco capitalista, e a União Soviética, o bloco socialista. Com a desagregação deste último e a restauração do capitalismo a partir de 1989 em seus territórios e o conseqüente desprestígio das ideias socialistas, incapazes de oferecer uma visão alternativa anticapitalista para a crise ecológica, e pela reprodução das práticas e técnicas produtivistas vigentes na economia capitalista, ganha força a crença de que o avanço tecnológico seria capaz de superar os danos causados pelo desenvolvimento – enquadrando-se no paradigma produtivista.

O mundo unipolar possibilitou o surgimento do neoliberalismo, que propunha a redução da intervenção do Estado na economia; o desmonte ou redução do estado de bem-estar social, para se apropriar da parcela do excedente que a luta da classe trabalhadora tinha conquistado. Com a desregulação financeira, houve um salto extraordinário do capital fictício, potenciado pelas novas tecnologias de informação que, por sua vez, alavancaram empresas desse novo setor que hoje pontuam entre as maiores do mundo.

Em 2008, instala-se uma crise econômica a partir dos Estados Unidos que se espalhou para o mundo. Enquanto isto, a China acelera sua revolução industrial (baseada na energia do carbono), seguida pela revolução da tecnologia da informação, o que lhe possibilita se transformar em maior potência comercial e também no país líder em emissões contemporâneas de gases do efeito estufa. E, dando a volta por cima, o país assume o desenvolvimento sustentável, quando os Estados Unidos com Trump o rejeitam, obrigando o seu sucessor, Biden, a fazer o caminho de volta – agora com o seu domínio imperial contestado, a hegemonia do desenvolvimento sustentável questionada e o mundo unipolar findo.

O DESENCANTO OU O COMEÇO DO FIM DA HEGEMONIA DO DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL

Os objetivos propostos pelo desenvolvimento sustentável institucionalizado não foram alcançados, em nenhuma das suas três dimensões. Na dimensão econômica, a expectativa de desenvolvimento para os países em desenvolvimento não aconteceu, porque a lógica colonial de captura dos seus excedentes pelos países desenvolvidos foi acentuada com o domínio do capital financeiro e as tecnologias da informação.

Contudo, para aumentar o excedente a se extrair, promoveram investimentos dirigidos para a produção de commodities (minérios; produtos agrícolas selecionados como soja, milho, óleo de

palma; e pecuários, carne bovina, de frango, em outros lugares, peixe, madeira, borracha, e assim por diante), cuja cadeia produtiva é controlada pelo capital monopolista com três impactos: torna-se a principal contribuição ao PIB, promove uma burguesia associada ao capital internacional que cresce econômica e politicamente; e, por outro lado, aumenta os passivos ambientais sobre os quais os produtores não se responsabilizam.

O símbolo do fracasso social está na existência de 580 milhões de pessoas na linha de fome e, mais modernamente, milhões de migrantes forçados por guerras e, ainda mais recentemente, por eventos ecológicos extremos. Nesse contexto, a maioria dos Objetivos de Desenvolvimento Sustentável, para o ano 2030, tende a não ser alcançada.

A dimensão ecológica foi enfrentada pela estratégia de desenvolvimento sustentável por três convenções: Biodiversidade, Mudanças Climáticas e Combate à Desertificação. A Convenção de Combate à Desertificação mereceu atenção especial porque, segundo a ONU, ela ameaça mais de 1 bilhão e meio de pessoas em 168 países, principalmente países ao sul do Deserto do Saara, região conhecida como Sahel. A cada ano, segundo a ONU, 6 milhões de hectares de terras se tornam improdutivos e caminham para se transformar em deserto. Essa tendência continua, sem qualquer medida significativa para sua reversão.

Recentemente, em outubro de 2021, aconteceu em Kuming, na China, a primeira etapa da Conferência das Partes da Convenção da Biodiversidade (COP-CDB 15), cujo balanço dos 10 anos de vigência do Plano Estratégico para a Biodiversidade, firmado na COP-CDB 10, mais conhecido como as 20 Metas de Aichi, é desalentador: apenas 6 das 20 metas foram

parcialmente atingidas, o que não reverteu a tendência de risco de extinção de 1 milhão de espécies, segundo o Informe do Órgão subsidiário de Assessoramento Científico, Técnico e Tecnológico, de 2019.

A Convenção sobre Clima realizou, em fins de 2021, sua 26ª COP sob pressão do Relatório do IPCC AR6, que afirmava taxativamente que as metas de redução das emissões de CO2 fixadas pelo Acordo de Paris (COP 21) não seriam suficientes para se estabilizar a temperatura média da superfície da Terra em mais 1,5°C do que a temperatura do período pré-industrial. Logo, as novas propostas apresentadas pelas partes à COP 26 deveriam ser mais ambiciosas. Não foi isso que aconteceu.

O Programa das Nações Unidas para o Meio Ambiente (PNUMA), em seu Relatório sobre a Lacuna de Emissões de 2021 - o Aquecedor está Aceso, foi taxativo: "as estimativas das NDCs indicam que o mundo caminha em direção a um aumento em 2,7°C na temperatura global até o final do século. A proposta de novos compromissos e atualizações feitas pelos 120 países desde 30 de setembro de 2021 reduzem apenas 7,5% das emissões previstas para 2030, enquanto o necessário seria de 55% para que o limite de 1,5°C seja respeitado."

Ainda estamos à beira da catástrofe climática. É hora de entrarmos em estado de emergência, senão a chance de zerar emissões líquidas se tornará, de fato, zero - declarou o Secretário Geral da ONU, Antônio Guterres, ao fim da conferência.

O desencanto foi geral.



Gilney Viana - Ambientalista.
Professor Universitário. Escritor,
Conselheiro da Revista Xapuri.





É O AMAZONAS, A PÁTRIA DA ÁGUA

Thiago de Mello



Foto: divulgação/ Rodrigo Sombrira

A meu lado, de pé na proa do barco, vento no peito, o menino olha silencioso a imensidão do rio. Acabamos de deixar a boca, cheia de garças, da floresta Paraná do Limão, que se abre no Amazonas, pertinho de Parintins.

Pela margem direita, diviso distante o perfil da cidade na terra firme da ilha de Tupinambarana. Noto que o menino se volta para o lado oposto, olhar fixo no rio, cuja pele fulgura, coberta de escamas de prata.

Por tanta que seja a luz, a vista não d com a outra margem. Num tom de quem duvida, o menino me pergunta:

- Tudo isso é gua?
- Tudo, lhe respondo. Tudo  água.
- gua, mais gua.
- Ela está indo pra onde? Onde ela acaba?
- gua de rio termina no mar.
- E onde acaba o mar, que também  água?
-  água, só que salgada. O rio deixa de ser doce e vira mar. Mas ninguém sabe onde termina o mar.

O menino permanece calado por um tempo, o pensamento derramado no rastro de espumas que o barco grava e o vento vai apagando. Logo vem de pergunta nova:

- E onde a água começa? De onde é que o rio vem?
- Vou lhe contar.

Da altura extrema da cordilheira, onde as neves são eternas, a água se desprende e traça um risco trmulo na face antiga da pedra: o Amazonas acaba de nascer.

A cada instante, ele nasce.

Descende devagar, sinuosa luz, para crescer no chão. Varando verdes, inventa um caminho e se acrescenta. guas subterrâneas afloram para abraçar-se com a água que desceu dos Andes.

Do bojo das nuvens alvssimas, tangidas pelo vento, desce a água celeste. Reunidas, elas avançam, multiplicadas em infinitos caminhos, banhando a imensa planície verde, cortada pela linha do Equador.

Planície que ocupa a vigésima parte deste lugar chamado Terra, onde moramos. Verde universo equatorial que abrange nove países da América Latina e que ocupa quase metade do chão brasileiro.

Aqui está a maior reserva de água doce, ramificada em milhares de caminhos líquidos, mágico labirinto que de si mesmo se recria incessante, atravessando milhões de quilmetros quadrados de território verde.

É o Amazonas, a pátria da gua.



Thiago de Mello - Poeta maior da Amazônia e do Brasil, em *Amazonas - guas, Pássaros, Seres e Milagres*. Editora Salamandra, 1998.

#aVezÉdasCrianças

VACIN





MA SIM!



Escola nunca foi lugar para ter medo. Escola é lugar de aprender, de criar, de sonhar. Mas o retorno às aulas em meio à pandemia vem gerando aflição e insegurança em quem frequenta as escolas do DF.

Em meio à pandemia da Covid-19, que mostra, novamente, números críticos, o Governo do Distrito Federal determinou o retorno dos quase 460 mil estudantes às salas de aula. Mas a cobertura de vacinação desse grupo, principalmente das crianças de 5 a 11 anos, ainda está bem longe de ser a apropriada para gerar um ambiente minimamente seguro nas unidades escolares.

Apenas 30% das crianças de 5 a 11 anos tomou a primeira dose do imunizante contra a Covid-19. É necessário que o GDF tome providências para ampliar este número. Vacina é um direito, estabelecido inclusive no Estatuto da Criança e do Adolescente. Além disso, é a nossa única arma capaz de superar a pandemia, que vem lotando as UTIs pediátricas.

Pensando na vida das crianças e dos adolescentes, e de todos aqueles que frequentam as escolas do DF, o Sinpro lembra: “Escola não é lugar de ter medo. Vacinação infantil já!”



UM CONCERTO DE DESPEDIDA

Passei três semanas no Amazonas, viajando sozinho. Se é que é possível dizer que viajei sozinho, pois sempre estive acompanhado de gente que me quer bem, amigos e familiares que encontrei pelo caminho. Gente que amo e que me constitui.

Fui com dois propósitos nessa imersão solitária. O primeiro, visitar meu pai. Estar com ele por alguns momentos, já ciente da situação de saúde e cuidados na qual ele se encontrava.

Depois, fui com o objetivo de iniciar uma reforma inadiável em nossa casa à beira do rio, em Freguesia do Andirá, no interior do município

Thiago Thiago de Mello

de Barreirinha, a quase 350km de Manaus. Um dia de barco pra chegar até lá.

A casa me pede zelo já há um tempo e estou há uns meses organizando uma campanha para arrecadar recursos para as obras. Consegui uma parte do dinheiro através da generosidade e da compreensão de muitos amigos e conhecidos, todos amantes da amizade, da poesia, da Amazônia e da obra literária de meu pai.

Todos sonhadores como eu, que sabem, como meu pai, que arte e cultura geram evolução individual e progresso social.

Embarquei no final de dezembro para Manaus,



sendo acolhido pela minha família amazonense que tanto quero bem. Fui ao apartamento de meu pai e Pollyanna. Ele já estava praticamente sem se levantar. Fui até o quarto. Quando ouviu minha voz, comentou: "Voz bonita a do meu filho".

Com a memória dissolvida pelo tempo (do qual não se corre) e pelas neuropatias, perguntou meu nome e se eu tinha filhos. Disse que me chamava Thiago e que tinha duas filhas. Nossas mãos entrelaçadas num carinho suave e ancestral.

"Mas então nós temos o mesmo nome", ele notou. Falei que isso tinha sido invenção dele, pôr meu nome Thiago Thiago de Mello. No que ele, após um certo silêncio, falou baixinho: foi pra ficarmos juntos

até mesmo no nome. "Cuida bem das suas filhas". (Eu me emocionei muito nessa hora porque queria dizer a ele que se sou um bom pai é porque ele foi o melhor formador e educador que eu pude ter).

Seguimos nossa conversa cheia de silêncios e respirações. Quis saber o que eu fazia da vida. "Canções e poemas", não titubeei. Ele fez que sim com a cabeça e repetiu "canções e poemas, isso". Perguntei se eu estava indo no caminho certo. "Certíssimo", ele me disse com a voz grave de trovão adormecido. Comentei que estava indo para Barreirinha cuidar da nossa casa, pedi a sua benção ("Deus lhe abençoe", me beijando a mão) e segui o meu caminho rumo ao Rio Andirá, dos Saterê-Maué.

Fiquei semanas num país submerso, me nutrindo do passado, de banho de cheiro, tucumãs, ovas de curimatã, sombra de castanheira, amizades verdadeiras e caldeiradas de tucunaré e tambaqui.

As obras começaram. Retiramos as vigas podres. Os esteios corroídos substituímos por madeira nova. Passamos óleo queimado para afugentar o cupim de terra traiçoeiro. Compramos tinta, cimento, ferro. Vieram os trabalhadores. As telhas chegaram de Parintins, presente de Antonio Beti, cuja doação jamais esquecerei.

Recebi tanto em minha jornada pelas águas. Fiz um trabalho firme, aguentando o rojão sob chuva e sol quente. Barreirinha, onde meu umbigo está enterrado, me acolheu como sempre. Vi a felicidade nos olhos de gente simples, hospitaleira, contadora de histórias. É com meus irmãos e irmãs ribeirinhos que meu espírito se molda e evolui.

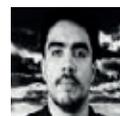
Na verdade estava, sem saber, me preparando para um adeus após uma longa despedida. Fortaleci minha alma estando naquele lugar, berço meu, que aprendi a amar com meu pai e minha mãe desde que pra lá fui levado aos seis meses de idade.

Voltei pra Manaus e fui ao apartamento ver meu pai. Ele não me respondeu, já completamente dentro do seu próprio mundo, distante daqui. Pedi um violão e, então, comecei a tocar.

As lágrimas caíram, eu sentado e ele deitado na cama. Tirei do baú as canções que sempre cantávamos juntos: "Azulão", "Por que tu te escondes", "Linda vida", "Pai velho", "Quem me levará sou eu", "Faz escuro, mas eu canto".

Fiquei ali cantando por mais de 30 minutos, a primeira vez em nossas vidas que ele não cantou junto comigo.

Foi um concerto de despedida.



Thiago Thiago de Mello - Músico, Compositor e Poeta. Texto de despedida em homenagem a seu pai, o poeta Thiago de Mello.

A CARNE MAIS BARATA

Rodrigo Barradas

“A carne mais barata do mercado é a carne negra”, cantou a diva maior da música brasileira, Elza Soares, que fez sua passagem recentemente aos 91 anos. No dia 24 de janeiro, Moïse Mugenyi Kabagambe, um congolês de 24 anos, foi espancado até a morte em frente a um quiosque na Barra da Tijuca, no Rio de Janeiro. Bairro de ricos, novos ricos, gente brega e milicianos.

Moïse havia ido cobrar o pagamento atrasado de dois dias de trabalho. Foi espancado e morto por isso. Teve pés e mãos amarrados e teve seu corpo incessantemente moído por pauladas até a morte. “A carne mais barata do mercado é a carne negra”.

A República do Congo é o antigo Congo Francês. Ex-colônia da França e, não diferentemente da maior parte das ex-colônias europeias na África Subsaariana, um país pobre, com Índice de Desenvolvimento Humano (IDH) de apenas 574, ocupando o 149º lugar entre 193 países. “A carne mais barata do mercado é a carne negra”.

Fugido de uma Guerra, veio ao Brasil, país vendido ao imaginário estrangeiro como uma democracia racial, como a terra de homens cordiais. País do Samba, da Bossa Nova, do Funk Carioca, da MPB, do Mangue Beat e da Tropicália, movimento que, assim como outros, evidenciou tão bem nossa miscigenação. Não coincidentemente, Tropicália é o nome do quiosque – local de trabalho e de morte de Moïse, onde queriam trabalho sem pagamento, como fazíamos até 1888. “A carne mais barata do mercado é a carne negra”.

O Brasil é, como diz Caetano Veloso, um dos fundadores da Tropicália na música homônima ao movimento: “A entrada é uma rua antiga, estreita e torta, e no Joelho uma criança sorridente, feia e morta estende a mão... No

pulso esquerdo, bang-bang, em suas veias corre muito pouco sangue, mas seu coração balança a um samba de tamborim”. E essa relação da violência, do racismo e da miséria que sempre se traveste de indiferença, mergulhados nessa suposta cordialidade entre a Casa Grande e a Senzala é a nossa marca. “A carne mais barata do mercado é a carne negra”.

Ele e Gilberto Gil, cantam em Haiti – canção feita bem posteriormente ao movimento – o peso de ser negro, ou quase negro, ou quase branco, nesse país em que as idiosincrasias nos levam sempre a um Apartheid perfumado, de plumas e paetês, que dança samba na avenida e que sorri silenciosamente as nossas cotidianas e brutais chacinhas. O apagamento de corpos pretos, levados como enxurrada para o esquecimento. “A carne mais barata do mercado é a carne negra”.

O Brasil é como um sonho que sempre finda em pesadelo. Mas só para uma parcela muito específica da população. Nação de glebas de terras dadas aos imigrantes europeus, continua moendo quem não se encaixa nesse padrão. Padrão, sociologicamente ou matematicamente falando, é uma sequência. E aqui, ela sempre acabou no geral como abundância para os brancos e escravidão e violência para os negros e índios.

No Brasil, o país em que pobres comem ossos, a carne mais barata do mercado é a carne negra, que enche os frigoríficos de nosso canibalismo cotidiano. Quantas já comemos hoje?



Rodrigo Barradas – Jornalista. Matéria publicada originalmente no Portal Vermelho – <https://vermelho.org.br/>





UM DILEMA POLÍTICO

Ailton Krenak

O dilema político que ficou para as nossas comunidades que sobreviveram ao século XX é ainda hoje precisar disputar os últimos redutos onde a natureza é próspera, onde podemos suprir as nossas necessidades alimentares e de moradia, e onde sobrevivem os modos que cada uma dessas pequenas sociedades tem de se manter no tempo, dando conta de si mesmas, sem criar uma dependência excessiva do Estado.

O rio Doce que nós, os Krenak, chamamos de Watu, nosso avô, é uma pessoa, não um recurso, como dizem os economistas. Ele não é algo de que alguém possa se apropriar; é uma parte de nossa construção como coletivo que habita um lugar específico, onde fomos gradualmente confinados pelo governo para podermos viver e reproduzir as nossas formas de organização (com toda essa pressão externa).

Falar sobre a relação entre o Estado brasileiro e as sociedades indígenas a partir do exemplo do povo Krenak surgiu como uma inspiração, para contar a quem não sabe o que acontece no Brasil com essas comunidades – estimadas em cerca de 250 povos e aproximadamente 900 mil pessoas, população menor do que a de grandes cidades brasileiras.

Ailton Krenak – Líder Indígena. Pensador. Filósofo. Em "Ideias para adiar o fim do mundo". Companhia das Letras, 2019, Conselheiro da Revista Xapuri.



Foto: divulgação/Garapa/Coletivo Mutimandi



A COMPAIXÃO RADICAL

Leonardo Boff

A compaixão radical representa a contribuição maior que o budismo ofereceu à humanidade. Ela é considerada a virtude pessoal de Buda, cujo nome real era Siddharta Gautama, que viveu entre os VI-V séculos antes de nossa Era.

A compaixão se insere dentro da experiência básica do budismo, articulando dois movimentos diferentes, mas complementares: o desapego total do mundo, mediante a ascese e o cuidado com o mundo, mediante a compaixão. Pelo cuidado, religa-se ao mundo afetivamente, responsabilizando-se por ele.

A com-paixão não é um sentimento menor de "piedade" para com quem sofre. Não é passiva, mas altamente ativa.

Com-paixão, como a filologia latina da palavra o sugere, é a capacidade de com-par-tilhar a paixão do outro e com o outro. Trata-se de sair do seu próprio círculo e entrar na galáxia do outro enquanto outro para sofrer com ele, alegrar-se com ele, caminhar junto com ele e construir a vida em sinergia com ele.



Leonardo Boff – Ecoteólogo, filósofo e escritor e escreveu: *Brasil: concluir a refundação ou prolongar a dependência*, Vozes, 2018; *Habitar a Terra qual o caminho para a fraternidade universal?* Vozes, 2021. Shape





THIAGO DE MELLO: POETA DO ESPERANÇAR

Rosilene Corrêa

Em Santiago do Chile, no verão de 1964, o poeta Thiago de Mello exaltou, em versos, o método revolucionário de Paulo Freire para alfabetizar pessoas adultas, a partir dos fonemas da vida de cada uma delas, que ele tão bem traduziu como “fonemas da alegria”. Nestes tempos bicudos de retrocesso para a Educação brasileira, celebro a memória de Thiago de Mello com os versos que o poeta escreveu para homenagear o esperançar de Paulo Freire.

CANÇÃO PARA OS FONEMAS DA ALEGRIA

A Paulo Freire

Thiago Mello

Peço licença para algumas coisas.
Primeiramente, para desfraldar
este canto de amor publicamente.
Sucedo que só sei dizer amor
quando reparto o ramo azul de estrelas
que em meu peito floresce de menino.
Peço licença para soletrar,
no alfabeto do sol pernambucano,
a palavra ti-jo-lo, por exemplo,
e poder ver que dentro dela vivem
paredes, aconchegos e janelas,
e descobrir que todos os fonemas
são mágicos sinais que vão se abrindo
constelação de girassóis girando
em círculos de amor que de repente
estalam como flor no chão da casa.
Às vezes nem há casa: é só o chão.
Mas sobre o chão quem reina agora é um homem
diferente, que acaba de nascer:
porque unindo pedaços de palavras
aos poucos vai unindo argila e orvalho,
tristeza e pão, cambão e beija-flor,
e acaba por unir a própria vida

no seu peito partida e repartida
quando afinal descobre num clarão
que o mundo é seu também, que o seu trabalho
não é a pena que paga por ser homem,
mas um modo de amar – e de ajudar
o mundo a ser melhor. Peço licença
para avisar que, ao gosto de Jesus,
este homem renascido é um homem novo:
ele atravessa os campos espalhando
a boa-nova, e chama os companheiros
a pelejar no limpo, frente a frente,
contra o bicho de quatrocentos anos,
mas cujo fel espesso não resiste
a quarenta horas de total ternura.
Peço licença para terminar
soletrando a canção de rebeldia
que existe nos fonemas da alegria:
canção de amor geral que eu vi crescer
nos olhos do homem que aprendeu a ler.



Rosilene Corrêa – Diretora do Sinpro/DF.
Conselheira da Revista Xapuri.

LIA DE ITAMARACÁ: UM PRESENTE PARA NOSSA BRASILIDADE

Iêda Vilas-Bôas

O tempo seria para estarmos falando do Carnaval, mas em prolongada quarentena, o Coronavírus ainda fazendo estragos e com o surgimento de novas cepas, os desfiles de Escolas de Samba, Blocos e Marchinhas foram para o bebeléu, em meio ao desgoverno que virou nosso Brasil tão rico em festas populares, folguedos e folclores. Retomemos, pois, parte de nossa costumeira alegria para falarmos dessa preta de primeira grandeza: a famosa Lia, a de Itamaracá.

O nome de registro é Maria Madalena Correia do Nascimento, mas ficou conhecida como Lia de Itamaracá. Nasceu no dia 12 de janeiro de 1944 e, por graça dos anjos, santos e arcanjos, do alto de seus 78 anos figura altaneira, mostrando a todos que tem orgulho de seu chão, de sua cultura e de seus valores e costumes. Lia virou cirandeira, passou a cantar e dançar cirandas desde os 12 anos, foi a única entre os 22 irmãos que se dedicou à música e dança.

Sua cantiga percorreu desmedidas distâncias e é comum que acompanhemos cantarolando sua cantiga:





“essa ciranda quem me deu foi Lia que mora na ilha de Itamaracá”; estes versos foram colhidos do cancionero popular e registrados pela Folclorista e compositora Teca Calazans. Lia: mulher simples, dançarina, compositora e cantora de ciranda brasileira. Foi a partir de 1960 que começou a ganhar fama. Lia é dançarina e considerada a mais célebre cirandeira do Brasil.

Ela é de Itamaracá, uma ilha do estado de Pernambuco, e foi de lá que o Brasil ganhou este presente: Lia. Uma mulher alta, que tem 1,80 m, corpo cheio de balanço, esperança nos olhos e um sorriso cativante. Pela sua altura podemos perceber em Lia traços da África Ocidental da Costa Oeste, é possível que Lia tenha em sua genética parte dos povos dessa região como os iorubás, os jejes e os malês. Lia é enorme. Do tamanho gigantesco da sua cultura e de sua raça. Preta com um gingado que mais se parece com as ondas do mar de Iemanjá, de quem é filha e devota.

Adornando a farta cabeleira tem sempre um lenço colorido que vai combinar com os brincos grandes e com muitos colares. Lia é bonita e vaidosa. Seu canto não é só para ser ouvido, sua ciranda não é só para ser dançada. Sua arte e sua voz perpassam os nossos ouvidos e batem de cheio em nosso peito. Por Lia e por outras e outros tantos dobramos os joelhos em contemplação. Sua voz é a voz da própria diáspora e dos navios negreiros. E a ciranda? Como ela mesma diz: “minha ciranda não é minha só, ela é de todos nós!”

Lia conta que sua música, sua dança e suas composições são presentes dos encantados. Lia também tem apreço em fazer comida e é cozinheira de mão cheia. Muitas crianças puderam provar de seu tempero quando trabalhava como merendeira de uma escola pública da rede estadual de ensino até o ano de 2008. Aí ganhou o prêmio da aposentadoria e outros mais como o que a Fundarpe – Fundação de Arte do Pernambuco – lhe concedeu e honrou. Lia é possuidora do título de Embaixadora da Casa da Cultura do Recife e, antes da quarentena, mal parava em sua longínqua Itamaracá, rodopiando aos quatros cantos que o vento lhe tocasse para apresentações e rodas de prosa.

Lia gosta de cantar e compor cocos de roda e maracatus. O samba de coco é uma dança brasileira que tem seu berço no sertão nordestino. O ritmo mistura harmonicamente traços de músicas indígenas com influências africanas remanescentes dos quilombos e senzalas. É

uma música de alegria, uma rapsódia e música, sobretudo de resistência. O samba de coco tem por característica dois elementos: o tirador de coco, ou coqueiro, que é quem puxa a cantiga, e o acompanhamento de palmas. Em suas letras a vida e lida do povo preto são mostradas em cotidiano poético.

Para falar de Lia é imprescindível falar do Maracatu que, como diz a canção: não sabemos como começou, mas sabemos que empolgou e empolga muita gente. O Maracatu é uma dança folclórica de origem afro-brasileira, típica do estado de Pernambuco. Surgiu em meados do século XVIII, a partir da miscigenação musical das culturas portuguesa, indígena e africana.

Os negros criaram os maracatus como forma de manifestação e expressão de suas culturas ancestrais que deixaram do outro lado do mundo e, para que não houvesse retaliação da dança, por proibição e talhos de açoite no lombo, o Maracatu foi logo atrelado a Nossa Senhora do Rosário dos Pretos, seja bem esclarecido que a Nossa Senhora dos Brancos não se dava a esse assanhamento de cantorias e requebração.

Em 1998, Lia de Itamaracá foi uma das atrações do Abril pro Rock e daí em diante foi uma estrada comprida entre merenda, cantigas e danças, participando de apresentações pelo Brasil e no exterior. O festival Abril Pro Rock acontece desde o ano de 1993, em Recife, Pernambuco, no mês de abril. O evento é um espaço de oportunidade para o reconhecimento de novos valores artísticos de Pernambuco. Atualmente está só no planejamento, esperando a pandemia passar.

Lia de Itamaracá é considerada, hoje, Patrimônio Vivo da Cultura de Pernambuco. Entoemos este imortal refrão: “Oh cirandeiro/ cirandeiro oh/ a pedra do teu anel brilha mais do que o sol”. E acrescentemos a ele: Lia, minha preta linda, você brilha mais que o sol. Você, Lia, é a joia mais preciosa da musicalidade de nosso amado e sofrido Brasil.

Salve, Lia de Itamaracá!



Iêda Vilas-Bôas –
Escritora, Conselheira
da Revista Xapuri.

II CONFERÊNCIA NACIONAL POPULAR DE EDUCAÇÃO

Educação pública e popular se constrói com democracia e participação social: nenhum direito a menos e em defesa do legado de Paulo Freire.



www.fnpe.com.br

CONAPE 2022

Conferência Nacional Popular de Educação

15, 16 E 17 DE JULHO DE 2022

Centro de Convenções de Natal - RN

CNTE Confederação Nacional dos
Trabalhadores em Educação
www.cnte.org.br

Brasil

Filiada à
CUT
BRASIL

Internacional
da Educação

FNPE
Forum Nacional Popular de Educação



XAPURI

CAMPANHA ASSINATURA SOLIDÁRIA

PRA XAPURI ACONTECER, NÓS PRECISAMOS DE VOCÊ.

VENI COM A GENTE!

**REVISTA
IMPRESSA**

ANUAL

R\$ **360**⁰⁰
12 EDIÇÕES

BIANUAL

R\$ **390**⁰⁰
24 EDIÇÕES

ASSINE JÁ!

WWW.XAPURI.INFO/ASSINE

